



Um percurso para “curar e reparar”

Bienal Segunda edição da Anozero foi pensada como uma só exposição, distribuída por diferentes espaços

Carina Fonseca
cultura@jn.pt

● “Curar e reparar” é o tema da segunda edição da Anozero – Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra, que decorre até 30 de dezembro, em vários espaços da cidade. Pensada como uma única exposição, composta por obras de 35 artistas nacionais e internacionais, traduz-se num percurso “com vários capítulos, como se fosse um livro”, disse ao JN o curador-geral, Delfim Sardo. Esse percurso, que é, ao mesmo tempo, “fi-

sico, emocional e cognitivo”, atravessa a Zona Histórica e o rio Mondego, até Santa Clara.

A maior parte das obras encontra-se na ala oeste do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova, um espaço que esteve ao abandono durante anos e chegou a ser ocupado pelo Exército. É um lugar “tão marcado e tão marcante, que lidar com ele foi o desafio maior”, contou Delfim Sardo, responsável pela curadoria, a par de Luíza Teixeira de Freitas. Encontraram-no sujo, sem luz nem água. Foram necessários três meses de trabalho até ter condi-

ções para acolher as obras de arte, de nomes como Julião Sarmento, Louise Bourgeois, William Kentridge ou Dominique Gonzalez-Foerster.

O projeto engloba artistas de diversas gerações, que recorrem a diferentes media e suportes artísticos. “O que me interessava eram obras que refletissem sobre processos reparativos, pessoais ou coletivos”, explicou o curador-geral, frisando que a relação com o tema da bienal, “curar e reparar”, “nunca” é feita “de forma ilustrativa”. Aliás, a seu ver, “a arte não cura



Mosteiro de Santa Clara-a-Nova acolhe obras da Bienal de Arte de Coimbra

nada”, mas pode preparar-nos para pensar “nos processos, individuais ou coletivos, que têm a ver com o lidar com o Mundo”.

“Refletir sobre um Mundo que reclama sistematicamente ser sarado das feridas que permanentemente abre” é a sugestão da bienal Anozero, produzida pelo Círculo de Artes Plásticas de Coimbra (CAPC) e coorganizada com a Cá-

mara Municipal e a Universidade de Coimbra. A iniciativa, que propõe “um diálogo entre a arte contemporânea e o património multi-secular”, tem lugar de terça a domingo, entre as 10 e as 18 horas, com acesso livre. Entre os espaços expositivos estão a Sala da Cidade, o CAPC, o Museu da Ciência, o Colégio das Artes e o Convento São Francisco. ●